

Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Coordenação Editorial

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

Design gráfico

Paulo Freitas

Desenhos da capa e contracapa

Motivos da Lapa dos Gaivões, Painel 6. © Andrea Martins

Impressão

Greca, Artes Gráficas

Tiragem

400 exemplares

ISBN

978-989-35672-3-4

Depósito legal

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

4

Prefácio

José Morais Arnaud

8

In memoriam Andrea Martins

Mariana Diniz

14

O universo feminino na arte rupestre portuguesa e os rios da sua memória

Sofia Figueiredo-Persson

48

Arte Rupestre Portuguesa no Feminino

Joana Valdez-Tullett

94

Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Miguel Almeida, Sílvia Aires, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre

146

Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

André Tomás Santos, Tania Mosquera Castro, João Fernandes, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry, Miguel Almeida

178

O projecto LandCRAFT e a Arte Esquemática do Vale do Côa

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, João Muralha Cardoso, Vera Caetano, Beatriz Comendador Rey, Bárbara Carvalho, Susana Lopes, Teresa Silva, Fernando Carrera Ramírez, Teresa Rivas Brea, Andrew Meirion Jones, Hannah Sackett, António Batarda Fernandes, José Santiago Pozo Antonio, Pablo Barreiro, Sérgio Gomes

220

As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa).

Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro

Mário Varela Gomes

264

Revisitando o Monte Faro (Valença do Minho): um extraordinário complexo de Arte Atlântica do Noroeste peninsular

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, Joanna Valdez-Tullett

286

Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

Antonio Batarda Fernandes, Rosiclér Theodoro da Silva, Julio Cezar Rubin de Rubin, Fernanda Elisa Costa P. Resende, Claudete Radel, Maira Barberi

306

Os Arquivos da Arte Rupestre do Tejo

Francisco Sande Lemos

330

Andrea Martins. Biobibliografia

César Neves

Prefácio

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



No dia 22 de Junho de 2024 deixou-nos Andrea Martins, que fez parte da Associação dos Arqueólogos Portugueses desde o dia 14 de Dezembro de 2004 e integrou os seus corpos gerentes durante os últimos 6 anos, tendo dado uma contribuição do maior relevo para a dinamização desta instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, quer no âmbito das actividades da Secção de Pré-História, contribuindo para o seu funcionamento regular, quer ainda organizando diversos colóquios temáticos, estabelecendo a ponte entre os arqueólogos mais experientes e as novas gerações. A sua contribuição tornou-se especialmente relevante nos últimos dez anos, tendo desempenhado um papel fundamental na organização da Festa da Arqueologia e sobretudo dos Congressos de Arqueologia da AAP de 2013, 2017, 2020 e 2023, nos quais foram apresentadas e publicadas centenas de comunicações, mobilizando toda a comunidade arqueológica. Como membro da Direcção da AAP assumiu com grande eficiência a coordenação das publicações da AAP, em estreita colaboração com César Neves.

Além desta intensa actividade associativa, a Andrea destacou-se sobretudo pelas suas qualidades humanas e pelo trabalho que desenvolveu como investigadora no domínio da Arte Pré-Histórica, revelando um conjunto muito vasto de representações artísticas, que estudou de uma forma inovadora, quer do ponto de vista metodológico, quer sobretudo da abordagem teórica.

A Direcção da AAP decidiu, assim, que a melhor forma de homenagear uma arqueóloga cuja promissora carreira como investigadora foi precocemente cerceada, seria através da organização de um Colóquio sobre Arte Rupestre, em que se apresentassem os resultados das mais recentes investigações nesse domínio. Foram assim convidados a apresentar comunicações autores já com um vasto currículo, bem como investigadores das gerações mais recentes, envolvidos em projectos de longo prazo, alguns dos quais ainda em fase de arranque, que também a incluíam como investigadora. Felizmente, a resposta foi bastante positiva, pelo que pudemos incluir no volume que agora se apresenta as contribuições de cerca de três dezenas de autores, que representam o estado da arte neste domínio, constituindo um excelente ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações.

in memoriam Andrea Martins

Mariana Diniz

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Deve constar neste volume um texto que evoque a Arqueóloga que aqui lembramos. Com uma tristeza que nos acompanha, e à que se acrescenta uma saudade maior, compete-me redigi-lo, acreditando que nas falhas que terá, todos reconhecerão os laços que ao longo de anos nos uniram assentes não apenas no respeito científico que se partilha entre membros de uma mesma equipa, mas numa amizade que permanece para além da materialidade dos corpos de cada um.

Andrea Martins, Lisboa, 1979 – 2024. Um tempo de vida breve, uma partida precipitada provocada por uma doença voraz e veloz. A este Encontro que a Associação dos Arqueólogos Portugueses promoveu para homenagear uma das suas sócias, membro da Direcção e da Direcção da Secção de Pré-história, acorreram Colegas e Amigos, especialistas em Arte Pré-histórica, temática central no trajecto de Andrea Martins, área de investigação sobre a qual realizou o seu doutoramento na Universidade do Algarve e que desenvolveu no âmbito da sua bolsa de pós-doutoramento, sediada na UNIARQ.

Partindo da arte rupestre, sobretudo de cronologia pós-glaciar, dos abrigos pintados, dos painéis gravados nas margens dos rios, da discussão sobre as temáticas e as técnicas, sobre as formas de uso e dos significados que estes lugares, muitas vezes de difícil acesso e em paisagens hoje remotas, possam ter tido para as comunidades pré-históricas que os criam, e que os frequentam, dando sentidos múltiplos aos territórios que ocupam, a obra de Andrea Martins centrou-se nos espaços dos vivos e nas suas simbólicas, centrou-se nas marcas – perenes... – que outros, antes de nós, deixaram das suas passagens. A Arte, ou as representações gráficas, como sinais, como parte de mecanismos complexos de antropização da paisagem, como registo de presenças, de princípios, de uma ligação ao sagrado, ao que é mais do que aquilo que se vê, são temas dos textos de Andrea Martins que entendia, no entanto, a *Arte* como mais uma manifestação, tão fundamental à organização dos indivíduos e das sociedades, como a obtenção de alimentos ou a produção de utensílios.

Nos últimos anos, do Imóvel ao Móvel, tema do seu projecto de pós-doutoramento desenvolvido desde 2016, na UNIARQ, o inquérito alarga-se a outros contextos, a outro repertório de imagens, a outra tipologia de artefactos. De uma arte imóvel, aprisionada em paredes rochosas, os artefactos *simbólicos*, mas também *utilitários* tornam-se a questão central e o extraordinário conjunto artefactual do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, o ponto de partida para uma investigação sistemática sobre os ídolos do 3º milénio AC, investigação alargada, mas onde os pesos de tear decorados e os ídolos cilíndricos têm um lugar de destaque. Representações antropomorfas, nas quais as tatuagens faciais e os olhos, zoomorfas, e entre estas a atenção dada a um motivo recorrente no imaginário calcolítico, representado em distintos suportes – o dos cervídeos – representações astrais, entre as quais o Sol parece elemento central, são analisados e discutidos nos seus múltiplos suportes, nas redes que estabelecem com outros sítios e outros territórios nos trabalhos de Andrea Martins.

Outros aspectos podem ser mencionados. O entendimento que a ciência se construía com equipas alargadas, a enorme capacidade, de fazer cruzamentos entre pessoas e lugares, a abertura total à inovação metodológica, ao inquérito transdisciplinar e à integração dos mais jovens nos circuitos científicos são outros dos traços de Andrea Martins, enquanto Investigadora.

Mas nenhuma notícia *In Memoriam* ficaria completa sem a referência à acção que desenvolveu, com o apoio constante da Associação dos Arqueólogos Portugueses, no campo da Arqueologia Pública e de alguma forma ligada a esta, a da Arqueologia Experimental. Se nesta última a dimensão do inquérito científico subjazia ao desenrolar dos trabalhos, onde se destacam os desenvolvidos com pesos de tear e ídolos de calcário, na atenção constante à divulgação do conhecimento a todos os públicos, convidando a participar muitos daqueles que pela pouca instrução são tantas vezes excluídos, reconheço agora, o que antes não me parecia tão claro, a atenção permanente aos mais frágeis, ao menos bafejados pela sorte social.

Ilustra a capa deste volume, um dos painéis preferidos da Andrea. Viu sempre nessas marcas, cor de sangue, um calendário. O seu foi muito curto, mas os testemunhos deixados pelos autores dos textos que integram esta obra, mostram o significado desse ciclo que foi uma parte da sua vida.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Para mim, as pinturas ou gravuras existentes em rochas ao ar livre, abrigos ou grutas são unicamente um artefacto arqueológico e, como tal, deverão ser tratadas como todos os outros. Necessariamente terão de estar integradas no seu contexto arqueológico, que neste caso não é uma sucessão estratigráfica de sedimentos, mas antes diversos parâmetros analíticos a diversas escalas, iniciando-se sequencialmente do pormenor para o geral através da análise do motivo, seguindo-se o painel, o abrigo, o contexto arqueológico, o território e a paisagem pré-histórica. Claro que são um artefacto distinto, com uma carga ideológica inerente muito explícita, pois representam grafismos elaborados directamente pelo homem ou mulher pré-históricos, factor presente em todos os artefactos arqueológicos, mas que neste caso provoca uma emoção e uma sensação de contacto mais próximo e íntimo com o Passado.

Andrea Martins, 2014

